



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA

FACULDADE DE ITAITUBA – FAI

CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

LUCAS RODRIGO SOARES LIMA

**RELEVÂNCIA DA HABILIDADE DURANTE ASSISTÊNCIA DE
ENFERMAGEM AO USUÁRIO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
DO AUTISMO (TEA)**

Itaituba, PA

2021

LUCAS RODRIGO SOARES LIMA

**RELEVÂNCIA DA HABILIDADE DURANTE ASSISTÊNCIA DE
ENFERMAGEM AO USUÁRIO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
DO AUTISMO (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba - FAI, como requisito básico para
a conclusão do Curso de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Esp.^a Cristhianny Almeida e Silva....

Itaituba, PA

2021

LUCAS RODRIGO SOARES LIMA

**RELEVÂNCIA DA HABILIDADE DURANTE ASSISTÊNCIA DE
ENFERMAGEM AO USUÁRIO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
DO AUTISMO (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba - FAI, como requisito básico para
a conclusão do Curso de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a Esp.^a Cristhianny Almeida e Silva.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Cristhianny Almeida e Silva, Especialista.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Nome, titulação

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof. Nome, titulação

Resultado: _____ Média: _____

_____ de _____ de 2021

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos e amigos que, de alguma forma, contribuíram para o meu sucesso. Dedico também à professora orientadora deste trabalho pela preciosa colaboração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar nessa trajetória.

Aos meus pais Jairo Amorim e Claudia Regia, que sempre estiveram presentes em minha vida, fazendo de tudo, sem medir esforços, para que meus sonhos fossem realizados, tudo que fiz ou irei fazer sempre foi guiado pelo imenso amor que sentem por mim.

Ao meu grande amigo Gustavo Guarnieri, pelo grande apoio e incentivo dado a minha vida.

A minha amiga Nathalia Ranieri, pelo apoio e incentivo tanto na vida pessoal quanto na vida acadêmica.

Aos meus avós maternos Expedito Soares e Maria Gomes, pela paciência, e incentivo que me deram durante minha trajetória.

Aos meus avós paternos por me incentivarem a correr atrás dos sonhos e me apoiarem em minhas decisões.

Aos meus irmãos Jairo Junior e Ana Beatriz por estarem presentes na minha vida.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

RESUMO

O autismo é um transtorno crônico caracterizado por um déficit do desenvolvimento psíquico social, neurológico e linguístico, sendo manifestado aproximadamente antes do terceiro ano de vida. O paciente com Transtorno do Autismo, por conta de sua condição, necessita de um cuidado específico, voltado para atender suas necessidades especiais, sendo necessária uma equipe multiprofissional, o enfermeiro tem papel fundamental no atendimento aos pacientes Autista, auxiliando no desenvolvimento do paciente e também tem um papel fundamental na realização do diagnóstico precoce. Com isso se faz necessário analisar se o profissional de enfermagem está habilitado e possuem os conhecimentos necessários para lidar com pacientes com autismo, é necessário evidenciar a importância das pesquisas envolvendo esse tema, afim de nortear o caminho para melhorar a relação entre profissional da saúde e paciente com necessidades especiais. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma intensa pesquisa na literatura disponível sobre o tema, o que caracteriza a pesquisa como uma abordagem bibliográfica. Como resultado pode-se observar que a enfermagem possui um grande déficit de conhecimento a respeito do tema, no decorrer do trabalho observou-se que a maioria dos autores acredita que a equipe de enfermagem não especializada não está preparada para atender um paciente com TEA, o que demonstra a falta de conhecimento teórico e prático.

Palavras-Chave: Autismo. Inclusão social. Paciente especial.

ABSTRACT

Autism is a chronic disorder characterized by a deficit in social, neurological and linguistic development, manifesting approximately before the third year of life. Patients with Autism Disorder, due to their condition, require specific care, aimed at meeting their special needs, requiring a multidisciplinary team. The nurse has a fundamental role in caring for Autistic patients, helping in the patient's development and also plays a fundamental role in carrying out early diagnosis. Therefore, it is necessary to analyze whether the nursing professional is qualified and has the necessary knowledge to deal with patients with autism. It is necessary to highlight the importance of research involving this topic, in order to guide the path to improving the relationship between health professionals and patient with special needs. To develop the research, an intense search was carried out in the available literature on the topic, which characterizes the research as a bibliographical approach. As a result, it can be observed that nursing has a great deficit of knowledge regarding the topic. During the work it was observed that most authors believe that the non-specialist nursing team is not prepared to care for a patient with ASD, which demonstrates the lack of theoretical and practical knowledge.

Keywords: Autism. social inclusion. special patient.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Características gerais das referências.....	26
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características gerais das referências.....	27
---	----

LISTA DE SIGLAS

DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico

TEA - Transtorno do Espectro do Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 ETIOLOGIA E HISTÓRIA DO AUTISMO	14
2.2 CARACTERÍSTICAS DO ESPECTRO DO AUTISTA	15
2.3 O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE AUTISTA...	16
2.4 A FAMÍLIA E O DIAGNOSTICO DE AUTISMO	19
2.5 ABORDAGEM DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TEA E FAMILIARES.	21
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 TIPO DE ESTUDO	23
3.2 COLETA DE ESTUDOS	24
3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	24
3.4 ANÁLISE DOS ESTUDOS	24
3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1 O NÍVEL DE CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO FRENTE AO PACIENTE AUTISTA.....	31
4.2 PAPEL DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO PACIENTE AUTISTA	32
4.3 AS DIFICULDADES DO DIAGNOSTICO DE ENFERMAGEM AO PACIENTE AUTISTA.....	33
5 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O autismo é considerado um transtorno multifatorial, e tem sua etiologia ligada a fatores genéticos, ambientais, imunológicos e neurológicos. O que pode dificultar seu diagnóstico por não apresentar os mesmo sintomas e sinais em todos os casos e pela aparição destes nos primeiros anos vida. Considerado como um transtorno comportamental e social, afetando a comunicação (CANUT, SILVA, *et al.*, 2014).

O profissional de enfermagem deve dispor de conhecimento teórico e científico suficiente para conseguir identificar precocemente os sinais que evidenciam o autismo, tendo em vista que, ele que acompanha a evolução desse paciente. Tal noção, tem importância na investigação e observação minuciosa diante da avaliação clínica e da assistência destinada a família e a criança. Em relação aos cuidados com crianças autistas, o enfermeiro deve saber orientar os pais no que diz respeito à interação social e prestarem os cuidados necessários no que se refere ao acompanhamento e o tratamento adequado para elas (SOUSA; SOUSA, 2017).

Quanto mais precoce o diagnóstico, melhor o resultado e o planejamento do tratamento que deve ser desenvolvido de acordo com as etapas de vida do paciente. O papel do enfermeiro é essencial, pois, cabe a ele intervir frente a essa condição especial e prestar a assistência necessária à criança e a família (MELO, FARIAS, *et al.*, 2017).

O paciente, quando diagnosticado com autismo, necessita de um apoio multidisciplinar para seu acompanhamento, assim como, sua família. A enfermagem tem relevância na prestação desse cuidado, auxiliando na promoção do desenvolvimento da criança, escutando os familiares, facilitando o acesso às informações sobre o transtorno e procurando promover ações que proporcionem o bem-estar do paciente e do seu familiar ligando esses aos serviços de saúde essenciais (EBERT; LORENZINI; SILVA, 2015).

Compreende-se que a socialização pode estar comprometida nas crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O déficit do comportamento social, influencia o modo como as crianças se engajam nas brincadeiras (ARAÚJO, 2011). Este público apresenta dificuldades em participar de brincadeiras apropriadas e evidenciam estereotípias ao utilizar brinquedos como fonte de autoestimulação repetidamente (WHITMAN, 2015).

A Ludoterapia é uma modalidade terapêutica que se aplica como toda e qualquer atividade lúdica com crianças, utilizando o ato de brincar como ferramenta de

favorecimento e simplificação da expressão verbal e não verbal por meio dela em ambiente terapêutico e durante a intervenção realizada. Tais brincadeiras devem ser planejadas auxiliando técnicas terapêuticas associadas e alinhadas com objetivos maiores, estipuladas pelo terapeuta de estimulações diversas da criança e/ou como ferramenta de expressão sentimental por meio da manipulação de objetos pela criança (SILVA; BARROSO, 2017).

Com intuito de evidenciar as habilidades de assistência de enfermagem ao paciente com TEA. Foi indispensável quatro etapas durante a explanação deste trabalho; revisar os aspectos teóricos sobre o autismo; retratar a importância do apoio familiar ao paciente autista, afim de promover uma integração e melhor convívio dentro do ambiente familiar; descrever as principais práticas utilizadas no tratamento dos pacientes com TEA, por fim; fazer uma abordagem psicológica com o paciente portador de TEA, utilizando de todos os conhecimentos disponíveis.

É imprescindível destacar a importância do desenvolvimento de pesquisas científicas que abordem a relação paciente-enfermeiro, a fim de nortear a prática do profissional de enfermagem para melhor atender e cuidar do paciente autista.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ETIOLOGIA E HISTÓRIA DO AUTISMO

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1906, pelo psiquiatra Plouller, para descrever comportamentos diferenciados de onze crianças: falta de contato emocional com outros indivíduos, ausência de fala ou formas atípicas de comunicação, fascinação por alguns objetos e destreza no seu manuseio, comportamento ansioso e possessivo, desejo de manter rotinas, evidências de inteligência, habilidades com jogos de encaixe e montagem e, especialmente, o sinal clínico de isolamento. Em 1943, Leo Kanner reformulou o termo, passando a chamá-lo de distúrbio autístico do contato afetivo, delineando uma síndrome com o mesmo sinal clínico de isolamento observado num grupo de crianças (BRASIL, 2014).

Ao decorrer do tempo, o autismo teve uma história marcada por diversos conceitos e nomenclaturas. Porém, na atualidade se utiliza a seguinte terminologia: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que se caracteriza por ser um distúrbio do neurodesenvolvimento apresentando certo comprometimento funcional, sendo evidentes déficits na interação social e em sua comunicação, havendo padrões de comportamento, repetitivos e estereotipados, tendo restrições de interesses e atividades (OLIVEIRA, NÓBREGA, *et al.*, 2020).

Em 1911, o termo autismo é inserido na literatura médica como classificação como a incapacidade de interação social e tendência ao isolamento característico de um distúrbio na consciência que resultava no desligamento parcial ou absoluto do sujeito frente à realidade (STELZER, 2010).

O resgate do contexto histórico do autismo é fator essencial para que se possa entender o transtorno na atualidade e, conseqüentemente, fornecer subsídios para compreendê-lo a longo prazo, somado ao advento dos avanços científicos. Para que esse retorno às raízes do TEA possa ser bem-sucedido, é preciso entender qual foi o instante em que o mesmo foi percebido e levado em consideração a ponto de ser significativo o suficiente para ser estudado. Desde o início da vida, os sintomas autísticos começam a se revelar, principalmente na forma de atrasos significativos nos marcos de desenvolvimento. Portanto, em um primeiro momento, faz-se importante considerar o conceito de infância ao longo do tempo até o momento em que a criança ocupou um lugar de relevância na família e na sociedade (TEIXEIRA, 2015).

O autismo se caracteriza como um transtorno do neurodesenvolvimento, que por sua vez altera a capacidade do indivíduo de se comunicar verbalmente; a socialização e seus afetos; caracterizando um comportamento restrito e repetitivo. A etimologia da palavra “autismo” é derivada do grego significando “voltar-se para si mesmo” (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

O TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo, ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. Atualmente, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa que possui etiologias múltiplas, combinando fatores genéticos e ambientais (RUTTER, 2011).

O autismo é um comprometimento permanente e a maioria dos indivíduos afetados por esta condição permanece incapaz de viver de forma independente, e requer o apoio familiar ou da comunidade ou a institucionalização. No entanto, a maioria das crianças com autismo apresenta melhora em relacionamentos sociais, comunicação e habilidades de autocuidado quando crescem. Pensa-se em vários fatores como preditores do curso e do desfecho de longo prazo, particularmente a presença de alguma linguagem de comunicação ao redor dos cinco ou seis anos, nível intelectual não-verbal, gravidade da condição e a resposta à intervenção educacional (MELO, FARIAS, *et al.*, 2017).

2.2 CARACTERÍSTICAS DO ESPECTRO DO AUTISTA

O autismo pode se manifestar de forma muito peculiar entre diferentes crianças e em uma mesma criança de uma fase a outra do desenvolvimento. Por isso, utiliza-se o termo Transtorno do Espectro do Autismo, sendo que muitos autores se referem a autismo, no plural, para se referir às diversas formas de manifestação da doença. Apesar dessa diversidade, os transtornos do espectro do autismo, de modo geral, caracterizam-se por alterações qualitativas nas interações sociais, na comunicação e no comportamento (BRASIL, 2014).

No ano de 2013 a DSM 5 trouxe consideráveis mudanças nos critérios de diagnóstico de autismo, já que a mesma passou a adotar o termo TEA (Transtorno do Espectro Autístico) como uma categoria diagnóstica. Incluindo no termo TEA: Transtornos Autísticos, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação. Estas

categorias agora passam a ser consideradas no mesmo Espectro do Autismo e não mais sendo diferentes. A Síndrome de Rett, que antes fazia parte agora passa a ser uma doença distinta, não fazendo mais parte do TEA (KHOURY, TEIXEIRA, *et al.*, 2014).

As características essenciais do TEA são compostas por três esferas do desenvolvimento, prejuízo persistente na comunicação, na interação social e no comportamento apresentando padrões repetitivos (APA, 2014).

O diagnóstico de autismo geralmente é consolidado por volta do terceiro ano de vida, mas suas manifestações clínicas são perceptíveis previamente como, gritos excessivos, falta de resposta aos gestos, pouco interesse por brincadeiras ou jogos lúdicos, ecolalia, isolamento, recusa alimentação entre outros, porém os critérios diagnósticos nem sempre são observados de forma clara na assistência, o que dificulta sua identificação (JÓZEFCZUK, KASPRZYCKA, *et al.*, 2017).

Conforme Amaral; Carvalho e Barreto, 2016

O Autismo é um transtorno que está presente desde o nascimento e se manifesta antes dos trinta meses de idade, na qual existe deficiência nas respostas aos estímulos visuais, auditivos, fala ausente ou deficiente e é caracterizado por comportamento emocional e social alterados, bem como déficit cognitivo. Definida como uma patologia precoce da primeira infância que se caracteriza por um isolamento extremo do indivíduo que o torna incapaz de estabelecer relações interpessoais comuns com as pessoas e situações.

Consoante a isso, vale dizer que o autismo, dentre outras percepções, está voltado para o comprometimento das relações interpessoais, comprometendo processos fundamentais para que elas aconteçam, como por exemplo a comunicação. Portanto, há uma atenção especial a ser dada no que se refere à interação com essas pessoas, compreendendo que são pessoas de difícil contato e que, por essa razão, é preciso se ter um comportamento e trato diferenciado para elas, desde que sejam procedimentos menos invasivos possíveis, mas que garantam maiores benefícios.

2.3 O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE AUTISTA

De acordo com Pinto e Torquato *et al.* (2016), alguns dos aspectos que retardam o diagnóstico imediato do autismo remete-se, possivelmente, a inexistência de exames específicos para a síndrome, sendo ele baseado no histórico da criança. Somado a esta questão pontua-se a variabilidade dos sintomas e ausência de

treinamentos específicos de profissionais para lidar com o distúrbio. O diagnóstico e tratamento precoce de disfunções pediátricas são essenciais para a evolução clínica da criança, pois viabiliza em alcançar resultados positivos em nível físico, funcional, mental e social.

A relação entre o enfermeiro e paciente autista é muito importante, uma vez que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral do paciente, cabendo ao enfermeiro o olhar cuidadoso, a escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário olhar além do que é visível aos olhos, pois saber cuidar implica em preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência da vida humana. Através de orientações aos familiares sobre o autismo, criação de planos terapêuticos que visem à singularidade de cada criança ou paciente, é proporcionado uma melhor qualidade de vida a todos os envolvidos (SENA, REINALDE, *et al.*, 2015).

É apontado que os enfermeiros enfrentam muita dificuldade na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA, sendo o conhecimento limitado sobre o assunto a maior delas. A formação acadêmica deficitária e o pouco investimento em educação permanente contribuem para as dificuldades. Além disso esses profissionais se deparam com as necessidades da criança e de seus familiares. Desse modo, a fim de não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais a preparação do enfermeiro torna-se indispensável (NASCIEMENTO, CASTRO, *et al.*, 2018).

O enfermeiro deve dispor de conhecimento teórico e científico o suficiente para conseguir identificar precocemente os sinais que evidenciam o autismo, tendo em vista que o enfermeiro é o profissional que acompanha por mais tempo esse paciente, tal conhecimento tem significativa importância na investigação e observação minuciosa diante da avaliação clínica e da assistência destinada a família e a criança, em relação aos cuidados com crianças autistas, o enfermeiro deve saber orientar os pais no que diz respeito à interação social e prestarem os cuidados necessários no que se refere ao acompanhamento e o tratamento adequado para os autistas (SILVA; BARROS, 2016)

O enfermeiro tem papel fundamental nesse processo, pois a consulta Puericultura ocorre de mês em mês, possibilitando o acompanhamento da criança nestes períodos. Portanto, é importantíssimo que o profissional de enfermagem tenha os devidos conhecimentos para detectar os sinais e sintomas do TEA e prestando assim uma assistência adequada à criança, possibilitando assim uma boa assistência

e enfermagem à criança e podendo orientar os familiares de forma correta (COSTA, SILVA, *et al.*, 2014).

Sudré *et al.* (2011), propõem que a Enfermagem constrói o processo interpessoal na sua prática assistencial utilizando teorias do comportamento humano como fundamento científico, com a finalidade de produzir efeitos preventivos e corretivos nos portadores de Transtornos Mentais, almejando estimular a Saúde Mental no contexto de equilíbrio na sociedade, na comunidade e nos indivíduos que a integram, e se possível realizar novas experiências a partir desta realidade vivenciada.

O enfermeiro ciente do sofrimento psicológico enfrentado pela família como: depressão, culpa, tristeza e estresse, cabe a esse profissional orientá-los, deixando claro que a culpa do transtorno não é dos pais e que essa criança precisará de total cuidado e atenção de toda a família. Ele também tem fundamental na implementação do melhor cuidado e tratamento da criança autista e da sua família, dando apoio de forma a atender as demandas individuais, formando uma rede de apoio entre indivíduo, família e equipe de saúde (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

Normalmente, quem faz o acompanhamento do desenvolvimento da criança são os profissionais da Atenção Básica de Saúde, os quais tem uma importante tarefa na identificação de sinais iniciais de problemas no desenvolvimento. A identificação precoce é de extrema importância para o acompanhamento e estímulo para essa criança. Entre os sinais de problemas ou atraso no desenvolvimento e o fechamento do diagnóstico final, existe um longo caminho repleto de testes, acompanhamento multiprofissional e apoio à criança e a família (BRASIL, 2014).

No entanto, pode-se observar que há um grande déficit de conhecimento por parte dos profissionais de enfermagem sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, havendo uma falta de profissionais com treinamento e habilidades para realizar os cuidados com essas crianças, o que por vez acaba retardando seu tratamento, causando assim prejuízo em sua qualidade de vida e de seus familiares (NASCIEMENTO, CASTRO, *et al.*, 2018).

É relevante dizer, que o profissional de saúde que faz parte do corpo clínico do atendimento público (seja ele médico, enfermeiro, dentista, agente de saúde, entre outros) deve voltar sua atenção, seu preparo e a organização do seu tempo para um atendimento ético, de qualidade, efetivo e por que não, até mesmo diferenciado aos autistas, permitindo inseri-los de fato em ações preventivas que visam à qualidade de

vida real para esses sujeitos e seus familiares, promovendo assim, atenção primária em saúde (AMARAL; CARVALHO; BARRETO, 2016).

É importante realizar todos os esclarecimentos necessários e que todas as dúvidas relacionadas ao TEA sejam esclarecidas aos pacientes. É importante dimensionar os saberes do enfermeiro sobre as peculiaridades do transtorno do autismo e o seu reflexo, como também proporcione uma reflexão dos enfermeiros da prática, ensino, pesquisa e gestão sobre novas estratégias de aperfeiçoamento de ações e intervenções de saúde (PINTO, TORQUATO, *et al.*, 2016).

De acordo com Silva (2014), os profissionais que atuam junto à criança autista devem conhecer que esta é uma síndrome que se caracteriza por respostas atípicas a estímulos visuais ou auditivos e por graves problemas quanto à compreensão da linguagem falada. São crianças que custam a falar e, quando começam, apresentam uso inadequado dos pronomes, ecolalia (quando repete várias vezes a última palavra ou sílaba escutada) e incapacidade de interação social tanto corpórea quanto verbal.

O papel do enfermeiro poderá ser ainda mais relevante, sendo o elo entre a equipe médica e a família, estabelecendo melhor o diálogo entre ambos. Além disso, o enfermeiro poderia realizar um papel mais importante na interação e comunicação com a criança (NOGUEIRA; MOREIRA, 2011).

2.4 A FAMÍLIA E O DIAGNOSTICO DE AUTISMO

O paciente, quando diagnosticado com autismo, necessita de um apoio multidisciplinar para seu acompanhamento, não só o paciente, mas sua família também. A enfermagem se faz de extrema importância na prestação desse cuidado, auxiliando na promoção do desenvolvimento da criança, escutando os familiares, facilitando o acesso às informações sobre o transtorno e procurando promover ações que proporcionem o bem-estar do paciente e do seu familiar ligando esses aos serviços de saúde essenciais (EBERT; LORENZINI; SILVA, 2015).

É de fundamental importância realizar o reconhecimento dos sinais que são manifestados pela criança com TEA para que o diagnóstico precoce seja realizado o mais rápido possível. E são as mães que observam, normalmente, esses sinais, observando nos primeiros meses da criança se ela não reage ao ser chamada, não chora ao ser deixada sozinha, e com o passar do tempo pode-se observar sinais mais

significativos como a falta de interesse por brincar e por comportamentos repetitivos (ONZI; GOMES, 2015).

A sociedade não está preparada para receber uma pessoa com TEA, pois padrões engessados não permitem uma flexibilidade comportamental, como; chorar sem motivo aparente, rolar no chão, gritar, corre de um lado para outro ou em círculos, realizar movimentos estereotipados, (balançar as mãos em fleps, como leque, balançar o tronco para frente e para traz), nada disso é permitido, obrigando a família da pessoa com TEA, viver isolada, dos julgamentos, olhares preconceituosos e discriminatórios. Por conta dessas situações opressoras, famílias desistem de dar continuidade nos tratamentos, que futuramente iram a diferença na vida da pessoa com espectro autista TEA (PINTO, TORQUATO, *et al.*, 2016)

As crianças com autismo têm maior dificuldade em efetuar as atividades ditas simples, daí acentuar-se a necessidade de cuidados e a dependência para com os pais ou cuidadores. Dessa forma, para se habituar-se às limitações e necessidades particulares da criança com autismo, a família precisa de constantes mudanças na sua rotina diária (SMEHA; CEZAR, 2011).

O cuidado com a criança autista requer dos pais um dinamismo diário, pois o autista não apresenta o mesmo comportamento todos os dias, embora os sintomas sejam sempre os mesmos: isolamento social, rotinas e comportamentos repetitivos, risos inapropriados, retardo ou dificuldade na comunicação, ecolalia, fixação por girar objetos. Eles não respondem aos métodos normais de aprendizagem, não mantêm contato visual, possuem resistência ao contato físico, são autoagressivos. Entretanto, o que muda é a forma com que a criança manifesta o seu comportamento, que se modifica diariamente. Isto exige da família, a cada momento, a descoberta de novas formas de atuar frente ao transtorno autístico (VIDEBECK, 2012).

Nunes e Santos (2010), dizem que o autismo, quando se manifesta, afeta toda a família, pois o processo de enfrentamento desencadeia mudanças em toda a dinâmica familiar, em especial na relação mãe e filho. As mães de crianças autistas, diante da situação de vulnerabilidade e de dependência do filho, passam a dedicar-se integralmente a eles, acumulando muitas responsabilidades, como os cuidados com a casa, com a família e ainda com o filho autista, o que acarreta grande sobrecarga emocional e física.

A sobrecarga materna é um processo muito comum nas rotinas dessas mães, onde passa a determinar suas vontades, deveres e sentimentos diante da rotina e

evolução do filho, independente da configuração familiar, sendo potencializado quando não há companheiros residentes na mesma casa, fazendo com o que todas as atribuições circundem a mãe (FERREIRA; SMEHA, 2018).

Isso reafirma o fato da mulher como sujeito responsável pela atenção a saúde dos filhos, e assim, percebe-se que essa trajetória não deve ser trilhada só pela mãe. Essas mães necessitam de um suporte, tanto do parceiro (a), família ou sociedade para manutenção do cuidado dessa criança (FERREIRA; SMEHA, 2018).

Escutar o familiar ou cuidador da criança, sobre seus hábitos de vida, manias e costumes é muito importante, às vezes mais do que observar a criança nos poucos minutos durante a consulta (BRASIL, 2014).

Diante do cenário da criança autista, cabe ao profissional de enfermagem estar atento às reações da criança ao tentar se relacionar com outros indivíduos. É papel da enfermagem oferecer a maior quantidade de informações aos pais das crianças autistas e avaliar seu grau de compreensão. No entanto, ressalta-se que o profissional de enfermagem só poderá produzir uma boa orientação a partir do momento em que se sinta capacitado para isto. Por isso, é de suma importância que os enfermeiros busquem conhecimento e experiência acerca do autismo (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

2.5 ABORDAGEM DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TEA E FAMILIARES.

Conforme Onzi e Gomes (2015), o TEA não tem cura, no entanto, com o diagnóstico precoce e com as intervenções corretas realizadas com a criança podem determinar com um bom prognóstico, incluindo um melhor progresso na linguagem, maior facilidade na adaptação e no desenvolvimento da integração social. Para que o tratamento seja eficaz é importante que haja um acompanhamento de uma equipe composta por profissionais como médicos, fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional, realizando terapias específicas para cada paciente, há diversos métodos encontrados na literatura, visando amenizar os sintomas e em favorecer a autonomia do indivíduo com TEA, como exemplo temos a farmacologia e musicoterapia e a psicoterapia. Diante dessas várias vertentes psicológicas, a psicoterapia comportamental, ainda, é a mais preconizada.

A Ludoterapia é uma modalidade terapêutica que se aplica como toda e qualquer atividade lúdica com crianças, utilizando o ato de brincar como ferramenta de favorecimento e simplificação da expressão verbal e não verbal por meio da criança

em ambiente terapêutico e durante a intervenção realizada. Tais brincadeiras devem ser planejadas auxiliando técnicas terapêuticas associadas e alinhadas com objetivos maiores, estipuladas pelo terapeuta de estimulações diversas da criança e/ou como ferramenta de expressão sentimental por meio da manipulação de objetos pela criança (SILVA; BARROSO, 2017).

Esta modalidade favorece o desenvolvimento de vínculos entre terapeuta e indivíduo, aprimorando a comunicação e manifestação exteriores da criança autista. Em brincadeiras e 15 jogos são desenvolvidas habilidades intelectuais e cognitivas, que facilitam a assimilação e desenvolvimento comportamental de causa e efeito das ações por meio da ordenança e sequenciamento padrão de uma brincadeira e/ou jogo. Todo o ambiente é planejado para facilitação expressiva, com a colocação de forma estratégica de objetos, brinquedos e jogos expostos ao livre manuseio pela criança autista (SILVA; BARROSO, 2017).

Tem-se conhecimento que existem poucos recursos instrumentais para se realizar do diagnóstico do indivíduo autista, e mesmo com vários estudos, não existe nenhum exame preciso para a confirmação desse diagnóstico. Outro fator importante a se destacar é a forma como e feita a comunicação do diagnóstico aos pais. Esse é um processo delicado e difícil, os profissionais devem estabelecer uma aliança com eles, e para que possam elaborar o diagnóstico de forma mais coerente e menos estressante possível (BOSA; SEMENSATO, 2013).

Para Silva e Barroso (2017), é muito importante apresentar à família a eficácia com o tratamento da ludoterapia, podendo dar a assistência necessária para a criança, ajudando está a liberar seus sentimentos e problemas através da brincadeira, possibilitando a acessibilidade do entendimento do tratamento lúdico.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizado pesquisas intensas à literatura disponível a respeito do tema, o que caracteriza o estudo como uma abordagem bibliográfica e, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva e analítica sobre a falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem quanto ao transtorno autístico.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Segundo Silva (2004), a pesquisa qualitativa considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um elo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não se traduz em números. A interpretação dos fenômenos selecionados e a atribuição são fundamentais no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritivo. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e sua importância são o foco principal da abordagem.

Silva e Menezes (2001), compreendem que pesquisa descritiva visa descrever as características de uma determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Geralmente, assume a forma de uma pesquisa.

Para Gil (2008), A pesquisa analítica é uma leitura seletiva de natureza crítica, desenvolvida com objetividade. É importante identificar as intenções do autor. Isso significa que, na leitura analítica, o pesquisador deve adotar atitude de objetividade, imparcialidade e respeito. É importante que o pesquisador procure compreender antes de relutar. Nem sempre essa tarefa é simples, sobretudo quando o objetivo do

pesquisador é o de testar uma hipótese de cuja veracidade esteja convencido antes de iniciar o trabalho de leitura analítica.

3.2 COLETA DE ESTUDOS

O estudo utilizou-se de diversas informações, artigos e acervos bibliográficos publicados no período de 2010 a 2020, respondendo aos objetivos propostos pela pesquisa. A obtenção das informações se deu por meio da pesquisa eletrônica disponíveis nas plataformas como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (Lilacs), Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e o Google Acadêmico. A seleção dos artigos ocorreu no período de 14 de maio de 2020 a 09 de março de 2021, obtendo assim material teórico para o embasamento científico.

3.3 CRITERIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos em português com texto completo disponível eletronicamente, publicação em periódico nacional dispostos online no período de 2010 a 2020.

Os critérios de exclusão adotados foram baseados em artigos que não seguiram o foco principal desta pesquisa, publicações sem referência e artigos que não atenderam aos critérios de busca, nem a delimitação de tempo proposto para estudo.

3.4 ANÁLISE DOS ESTUDOS

Foram selecionados cerca de 150 artigos científicos, obtidos através de meios de pesquisa disponíveis digitalmente, para a obtenção deste foram utilizados filtros de pesquisa, e os seguintes descritores: transtorno autístico, humanização da assistência, pessoas com deficiência e colocado os operadores booleanos AND, OR e NOT, com filtro de ano para 2010 A 2020. o que possibilitou filtrar o conteúdo da pesquisa para a obtenção de dados mais precisos acerca do tema proposto neste trabalho. Destes, foram descartados 89 por não ter identificação com o tema em questão.

3.5 ASPECTOS ETICOS DA PESQUISA

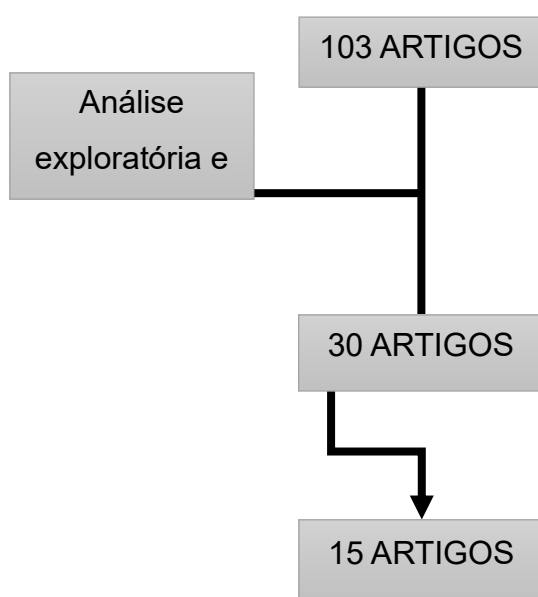
Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica não se fez necessário a aplicação do TCLE.

Ressalta-se também, que os direitos autorais foram respeitados, sendo que, todos os autores utilizados para a produção deste trabalho devidamente citados na lista de referências. É importante enfatizar que na elaboração desta monografia os princípios éticos do trabalho científico foram considerados, uma vez que este está isento de plágio.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para construção dos resultados e discussão foram encontrados 103 artigos através de uma leitura preliminar dos quais foram excluídos 73, totalizando 30 pesquisas para uma leitura integral, criteriosa e objetiva. Destas, 30 foram selecionadas, mas apenas 15 perfizeram o total da amostra, como podemos observar na figura 01.

Figura 01 - Características gerais das referências



A revisão sistemática ocorreu em três fases: (I) planejamento: em que as diretrizes da pesquisa foram baseadas em um protocolo; (II) condução: que consistiu na realização da busca e seleção dos trabalhos de interesse de acordo com a inclusão e exclusão dos critérios definidos no protocolo e, por fim, (III) a fase de extração de dados: que permitiu examinar os estudos selecionados conhecer o estado da arte na área sob investigação.

No protocolo definido para a fase de planejamento, foram especificadas as seguintes questões de pesquisa: "Qual o nível de conhecimento dos enfermeiros?"; "Quais as dificuldades encontradas pelos enfermeiros ao lidar com um paciente autista?"; e "Qual papel o enfermeiro exerce no cuidado desses pacientes?".

Quadro 01 - Características gerais das referências

ANO	TÍTULO	OBJETIVOS	AUTORES
2011	Autismo: Construções e desconstruções.	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista	Cavalcante
2013	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares.	Pinto; Torquato Collet; Reichert Neto; Saraiva
2014	A equipe de enfermagem e as crianças autistas	Conhecer a percepção da Equipe de Enfermagem frente ao atendimento às crianças autistas, na pediatria de um Hospital Universitário no Sul do Rio Grande do Sul.	Dartora; Mendieta; Franchini.
2015	Dificuldades no atendimento multiprofissional em saúde de pessoas com autismo	Avaliar, em pacientes pediátricos dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Bezerra; Ruiz.
2015	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.	Sena; Reinalde; Silva; Sobreira.

2016	Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem	Analisar a capacidade técnica do enfermeiro da Atenção Básica de Saúde defronte ao entendimento, reconhecimento e atuação aos sinais do Espectro Transtorno Autista (ETA) em consultas de enfermagem durante o acompanhamento do C/D infantil abordando o tema: Identificação do Autismo durante a avaliação do crescimento e o desenvolvimento infantil- papel do profissional de enfermagem.	Bortone; Wingester.
2017	Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo	O objetivo desse trabalho é identificar o papel do enfermeiro na assistência ao paciente com suspeita ou diagnóstico de autismo, caracterizar seus principais sinais e sintomas, e identificar os principais medicamentos e terapêuticas utilizadas no seu tratamento.	Melo.
2018	A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista	esclarecer a real atribuição dada ao profissional de enfermagem no atendimento à pessoa com autismo e também o seu envolvimento com relação a esse paciente, à sua família e ainda ao seu	Fernandes; Gallette; Garcia.

		atendimento ao público que o procura. Iniciado o tratamento, o autismo é comumente considerado como sendo um reflexo da conduta reproduzida pelos profissionais da saúde, e de modo especial, até por seu maior envolvimento, ao enfermeiro é dada essa consideração.	
2018	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família	identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.	Nascimento; Castro; Lima; Albuquerque; Bezerra.
2018	Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo	O presente estudo tem como objetivo verificar a importância da assistência de enfermagem a crianças portadoras do espectro autista.	Sudré; Oliveira; Faile; Teixeira.
2019	A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo	Refletir a importância do conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre o autismo, e especificamente, incentivar a capacitação em busca de uma assistência de enfermagem de qualidade à criança com TEA e promoção da qualidade de vida.	Barbosa; Nunes.

2019	Assistência de enfermagem ao paciente autista: um enfoque na humanização	Descrever o que a literatura científica mais atual traz a respeito da assistência humanizada de enfermagem junto à criança autista.	Santos; Santos; Santos; Lima.
2020	REVISIONES Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa	Identificar aspectos envolvidos nas práticas profissionais da Estratégia Saúde da Família frente à linha de cuidado da atenção integral à saúde da criança na atenção primária.	Magalhães; Lima Silva; Rodrigues; Gomes.
2020	Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do Espectro autista: revisão de literatura	analisar a produção científica relacionada a assistência de enfermagem e multiprofissional a pessoas com Transtorno do Espectro Autista.	Feifer; Souza; Mesquita; Ferreira; Machado; Graduanda.
2020	Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem	Identificar a importância da equipe de enfermagem diante do tratamento de uma pessoa com TEA, apresentar as características da pessoa com TEA que devem ser reconhecidas pela equipe de enfermagem e descrever como acontece a abordagem ao paciente com TEA.	Neves; Felix; Ribeiro; Fassarella; Silva.

Com base na leitura sistemática do material foi possível traçar três pontos de inteligibilidade para os aspectos gerenciais do enfermeiro. Os mesmos são:

Categoria 1: O nível de conhecimento do enfermeiro frente ao paciente autista;

Categoria 2: Papel do enfermeiro no cuidado ao paciente autista;

Categoria 3: As dificuldades do diagnóstico de enfermagem ao paciente autista.

4.1 O NÍVEL DE CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO FRENTE AO PACIENTE AUTISTA

De acordo com Dartora, Franchini e Mendieta (2014), o enfermeiro em sua formação não está preparado para prestar atendimento específico para os pacientes com transtorno do espectro do autismo, sendo que muitos desses não saberiam como agir nesta situação em especial. Quanto a percepção da equipe de enfermagem em relação às crianças autistas, ao serem questionados, os profissionais, embora não tenham certeza de responder, sempre mostram saber algo, apresentando um conhecimento diário, baseado em experiências. No entanto, eles não podiam falar com segurança e de forma científica sobre o assunto e ressaltaram a importância da educação em saúde nos programas e também nos serviços de saúde, sendo necessário a inclusão de cursos, conferências, materiais informativos.

Para Sena *et al.* (2015), há um grande déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo. Isto pode ser compreendido pelo fato que o autismo apresenta uma grande variedade de sinais e sintomas, além de suas variadas etiologias. Deixam claro que as grades curriculares da área de Enfermagem pouco trabalham o tema, ou não o expõe de forma a engrandecer os conhecimentos dos profissionais ao lidar com esses casos.

Corroborando com essa ideia Bortone e Wingester (2016), afirmam que há uma necessidade da busca por aprimoramento e interesse de pesquisa sobre a temática do TEA diante do profissional de enfermagem para que o mesmo possa conhecer, entender e reconhecer quais são os sinais apresentados, para que então a criança e a família sejam inseridas de forma precoce e eficaz no tratamento.

Para Magalhães *et al.* (2020), ao observar suas próprias competências em relação aos cuidados primários fornecidos à criança autista, os profissionais de Enfermagem classificaram as mesmas como de significância mais baixa quando comparadas ao fornecer cuidados a crianças com condições médicas como: cardiopatia congênita, asma crônica, fibrose cística precoce e diabetes. Mas isso deve-se a falta de preparo dos profissionais de enfermagem para fornecer a atenção primária essencial para as crianças com TEA.

Segundo Barbosa e Nunes (2019), há um desconhecimento e inexperiência dos enfermeiros, prejudicando a atuação junto ao paciente com TEA, o que acaba por impedir o cuidado prestado, que deveria ser interpessoal, promovendo assim uma assistência biopsicossocial. Com isso observa-se a necessidade de avançar muito

para que se possa prestar um atendimento qualificado para as crianças com autismo. Tendo em vista que apesar do aumento de casos, o “Transtorno do Autismo” ainda é um assunto pouco desenvolvido na literatura e nos estudos que abordem algum protocolo eficaz para uma assistência de qualidade e humanizada.

Para Neves *et al.* (2020), existem poucas publicações relevantes sobre o assunto, conseqüentemente, há uma falta de conhecimento dos profissionais de saúde, conhecimento esse insuficiente para realizar o diagnóstico correto do autismo, corroborando com Barbosa e Nunes (2019). Pode-se observar a necessidade de novos estudos e investimentos para a contribuir no desenvolvimento do olhar clínico da assistência de enfermagem a estes pacientes.

4.2 PAPEL DO ENFERMEIRO NO CUIDADO AO PACIENTE AUTISTA

Segundo Barbosa e Nunes (2019), ajudar crianças com TEA é um desafio para os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, que desempenham um papel vital na enfermagem e ajudam as famílias e os pacientes a melhorar sua qualidade de vida. Nesse sentido, a enfermagem deve levar em consideração a personalidade e as características especiais da criança, e a equipe deve estar atenta à observação dos pais e ao crescimento da criança, estabelecer contato e interação, a fim de obter maior sucesso no tratamento e fornecendo uma maior sensação de segurança para pais e filhos.

Sena *et al.* (2015), afirma que o enfermeiro tem uma ligação fundamental com a pessoa autista e seus familiares, já que ele é um profissional que tem um olhar cuidadoso e atento as necessidades do mesmo, tendo em mente que na maioria das vezes haverá dificuldade de expressão por parte do autista, sendo de sua competência prestar a assistência necessária para suprir as necessidades do paciente. Este profissional precisa saber entender as necessidades do paciente, implicando em um atendimento multiprofissional com objetivo de qualificar o cuidado, sendo este através de orientações prestadas a família, ou a criação de planos de cuidado que visem à singularidade de cada paciente, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida ao mesmo.

Para Santos *et al.* (2019), ao lidar com uma criança autista deve-se ter uma abordagem diferenciada, isso se dá pelo Transtorno Autístico ser caracterizado por um certo grau de déficit de comunicação, por isso se faz importante que os cuidados a essa criança sejam proporcionados e elaborados de forma que possa atender as

necessidades específicas, tendo finalidade em desenvolver as capacidades comunicativas desse indivíduo, ou no mínimo estimular ao máximo seu desenvolvimento.

Barbosa e Nunes (2019), ressaltam que ao prestar cuidado à criança com autismo, o enfermeiro pode proporcionar segurança e tranquilidade, apoiar e estimular a adesão de todos ao tratamento, além de atuar como educador, mostrando aos familiares que a participação de todos é fundamental não se limita à equipe de saúde.

Para Cavalcante (2011), este profissional também tem o crédito por manter os pais informados sobre o autismo e avaliar sua compreensão da doença, devendo também estar preparado para qualquer confronto ou rebelião de sua parte diante dessa situação inesperada. Ressalta-se, entretanto, que uma boa orientação assistencial só pode ser planejada se esse profissional tiver conhecimentos suficientes para atuar nesse sentido.

Para Sudré *et al.* (2018), faz-se necessário também que os especialistas ligados à área da saúde tenham condições de oferecer um serviço de qualidade. Dessa maneira, torna-se essencialmente importante uma reflexão com referência ao assunto e atribuição do profissional da enfermagem, devendo o mesmo não medir esforços na busca por conhecimentos, com intuito de favorecer uma vida confortável ao paciente, sabendo que na maioria dos sistemas de saúde, os primeiros atendimentos são realizados por esses profissionais.

Segundo Melo *et al.* (2017), o enfermeiro tem papel vital, principalmente ao fornecer orientações de enfermagem, avaliar sinais e sintomas, bem como orientar a família e/ou cuidador e encontrar formas de reduzir e abordar os efeitos das manifestações em sua vida com bom prognóstico.

Conforme Fernandes, Gallette e Garcia (2018), o enfermeiro desempenha um papel fundamental na mediação paciente/família. Para ajudar a criança com autismo é necessário entender os profissionais que atendem essas crianças, eles por sua vez precisam confiar no profissional, pois só assim será possível uma abordagem mais efetiva.

4.3 AS DIFICULDADES DO DIAGNOSTICO DE ENFERMAGEM AO PACIENTE AUTISTA.

De acordo com Varella (2010), é importante que o diagnóstico de autismo seja feito o mais precocemente possível, pois suas manifestações podem ser percebidas

precocemente. Para que isso seja possível, é imprescindível uma avaliação das manifestações da criança, tanto dos pais e familiares, quanto da equipe médica e de enfermagem. Afirmando o pensamento da importância do enfermeiro nesse processo.

Segundo Nascimento *et al.* (2018), entre as principais dificuldades em se detectar os sinais e sintomas do TEA está a falta de capacitação dos profissionais da saúde, e a falta de divulgação de materiais que facilitem a identificação do transtorno. Há também a ideia de que não é cabível ao enfermeiro a identificação desses sinais e sintomas precocemente, sendo assim outra barreira na detecção precoce por parte dos enfermeiros.

Para Barbosa e Nunes (2019), o TEA apresenta manifestações e sintomas que podem ser diferentes em cada criança, não havendo consenso na literatura sobre qual a melhor intervenção. Não há divergências sobre a importância do diagnóstico e intervenção precoce, realizado por equipe multiprofissional, para um melhor desenvolvimento da criança.

Já Pinto *et al.* (2016), afirmam que há alguns aspectos que dificultam e retardam o diagnóstico precoce do autismo sendo eles: a falta de um exame específico para diagnosticar o transtorno do Autismo, feito baseado no histórico de comportamentos da criança. Com isso podendo-se concluir que há uma grande variabilidade dos sintomas, não havendo um treinamento específico de profissionais para identificar e lidar com esse distúrbio.

Feifer *et al.* (2020), compreendem, que é importantíssimo a realização precoce do diagnóstico de autismo, sendo realizado nos primeiros estágios do desenvolvimento, entretanto essa assistência é prejudicada pela falta de conhecimento teórico dos profissionais de enfermagem sobre o transtorno, o que acaba por dificultar a realização dos cuidados e orientações, tanto do paciente quanto da família.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa possibilitou compreender qual a importância dos conhecimentos do profissional de enfermagem ao lidar com pacientes autistas e as dificuldades encontradas no seu cotidiano. Para se atingir uma compreensão dessa realidade, definiram-se quatro objetivos específicos: Revisar os aspectos teóricos sobre o autismo; retratar a importância do apoio familiar ao paciente autista, afim de promover uma integração e melhor convívio dentro do ambiente familiar; descrever as principais práticas utilizadas no tratamento dos pacientes com TEA, por fim; fazer uma abordagem psicológica com o paciente portador de TEA, utilizando de todos os conhecimentos disponíveis. Ao longo do trabalho observou-se que a grande parte dos autores acredita que o profissional de enfermagem, não especializado, não está preparado para lidar com um paciente tão atípico, denotando assim uma falta de conhecimento teórico e prático pelos mesmos. Portanto, é imprescindível destacar a importância do desenvolvimento de pesquisas científicas que abordem a relação paciente-enfermeiro, a fim de nortear a prática do profissional de enfermagem para melhor atender e cuidar do paciente autista. Ao fazê-lo, o profissional perceberá o relevante papel que possui, com a necessidade de capacitação, para facilitar o acesso ao conhecimento das diferentes técnicas de comunicação e orientações sobre o comportamento autista, para facilitar o estabelecimento de um vínculo com a família, facilitando a intervenção e relacionamento familiar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. D.; CARVALHO, T. F.; BARRETO, B. A. C. Atenção bioética à vulnerabilidade dos autistas: A odontologia na estratégia da saúde da família. **Revista Latinoamericana de Bioética**, Bogotá, v. 16, n. 1, p. 220-233, 2016.

APA, A. P. A. **DSM-5. Manual de diagnósticos e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porti Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, C. A. Psicologia e os Transtornos do Espectro do Autismo. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. **Transtorno do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memmon, 2011.

BARBOSA, S. P. A.; NUNES, C. D. R. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Interdisciplinary Scientific Journal**, São Carlos, v. 6, n. 3, 2019.

BORTONE, A. R. T.; WINGESTER, E. L. C. Identificação do espectro do transtorno autista durante o Crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **SYNTHESIS Revistal Digital FAPAM**, Pará de Minas, v. 7, n. 1, p. 131-148, 2016.

BOSA, C. A.; SEMENSATO, M. R. A família de crianças com autismo: contribuições clínicas e empíricas. In: SCHMIDT, C. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 2-50.

BRASIL, M. D. S. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: [s.n.], 2014.

CANUT, A. C. A. et al. Diagnostico Precoce do Autismo. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 1, 2014.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Pediatria**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 255-260, 2010.
CAVALCANTE, A. **Autismo: Construções e desconstruções**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

COSTA, E. L. et al. **AUTISMO INFANTIL: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM**. Goiânia: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). FACULDADE PADRÃO/FACULDADE DE ENFERMAGEM, 2014.

DARTORA, D. D.; FRANCHINI, B.; MENDIETA, M. D. C. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas-RS, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. F. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetória. **Rev. Gaúcha de enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2015.

FEIFER, G. P. et al. CUIDADOS DE ENFERMAGEM A PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA UNINGÁ**, Ingá, v. 57, n. 3, p. 60-70, 2020.

FERNANDES, A. F. F.; GALLETE, K. G. D. C.; GARCIA, C. D. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, Filadélfia, v. 33, n. 65, p. 33-44, JUN 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
JÓZEFCZUK, J. et al. **Homocysteine as a Diagnostic and Etiopathogenic Factor in Children with Autism Spectrum Disorder**. 8. ed. Rockville: NLM, v. 20, 2017.

KHOURY, L. P. et al. **Manejo comportamental de crianças portadoras de Transtorno do Espectro Autista em condição de inclusão escolar**. São Paulo: Guia de orientação a professores., 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAGALHÃES, J. M. et al. **Asistencia de enfermería al niño autista: revisión integrativa**. 2. ed. Piauí: Enfermería Global, v. 19, 2020.

MELO, C. A. D. et al. **IDENTIFICAÇÃO DO PAPEL DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AUTISMO**. 2. ed. Quixadá: Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, v. 2, 2017.

NASCIEMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, Baía, 2018.

NEVES, K. D. C. et al. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. 941986742-941986742, 2020.

NOGUEIRA, M. A. A.; MOREIRA, S. C. M. R. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, v. 5, p. 16-21, 2011.

NUNES, A. M. F.; SANTOS, M. A. **Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico**. 2. ed. Porto Alegre: Psicol. reflex. crít., v. 23, 2010.

OLIVEIRA, R. N. et al. **O AUTISMO NO CONTEXTO FAMILIAR**. 1. ed. São José dos Pinhais – PR: Brazilian Journal of Development, v. 6, 2020.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. F. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E REABILITAÇÃO. **Revista Caderno Pedagógico**, Lajeado-RS, v. 12, n. 3, 2015.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, 2016.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Campina Grande, v. 37, n. 3, 2016.

RUTTER, M. L. **Progress in understanding autism: 2007-2010**. 4. ed. Switzerland: Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 41, 2011.

SANTOS, N. K. et al. ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE AUTISTA. **Revista de Saúde Dom Alberto**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 17-29, 2019.

SENA, F. D. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

SILVA, A. A. . F. M. N. F. . C. A. C. P. J.; BARROS, L. M. **O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista: uma pesquisa-ação.** [S.l.]: Monográficos de Investigación em Salud, 2016.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.

SILVA, C. R. O. **Metodologia e Organização do projeto de pesquisa (GUIA PRÁTICO).** Fortaleza – CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2081 Benfica – 60040-531, 2004.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Rev. Atual.**, Florianópolis, n. 3, p. 121, 2001.

SILVA, F. K. U.; BARROSO, A. C. Contribuição da Ludoterapia no autismo infantil. **Saber Humano-Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, Porto Velho, v. 7, n. 11, p. 210-224, 2017.

SILVA, I. S. **Autismo: cuidados e desafios enfrentados pelos familiares.** Caruaru: trabalho de conclusão de curso (Graduação). UNIFAVIP, 2014.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. **A VIVÊNCIA DA MATERNIDADE DE MÃES DE CRIANÇAS COM AUTISMO.** 1. ed. Maringá: Psicologia em Estudo, v. 16, 2011.

SOUSA, A. M. B. S.; SOUSA, C. S. Produção científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autístico (TEA). **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 387-406, 2017.

STELZER, F. **Uma pequena história do autismo.** São Leopoldo: Pandorga, 2010.
SUDRÉ, R. C. D. R. et al. Assistência de enfermagem a criança com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo. **Arquivo Medico Hospital Faculdade de Ciências Médicas Santa Casa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-106, 2011.

SUDRÉ, R. C. R. et al. Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo. **Arquivos médicos dos hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-106, 2018.

TEIXEIRA, L. M. **Dançaterapia no autismo: um estudo de caso.** 2. ed. São Paulo: Fisioter. Pesqui., v. 22, 2015.

VARELLA, A. A. B. **Ensino de discriminações condicionais e avaliação de desempenhos emergentes em autistas com reduzido repertório verbal.** São Carlos: trabalho de conclusão de curso (pós-graduação). Universidade Federal de São Carlos, 2010.

VIDEBECK, S. L. **Enfermagem em saúde mental e psiquiatria.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WHITMAN, T. L. **O desenvolvimento do Autismo.** São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2015.